

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA GLÓRIA BRANDÃO BATISTA DOS SANTOS

**LOU ANDREAS-SALOMÉ: vida, obra e contribuições sobre o feminino na
psicanálise**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

ANA GLÓRIA BRANDÃO BATISTA DOS SANTOS

LOU ANDREAS-SALOMÉ: vida, obra e contribuições sobre o feminino na psicanálise

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

ANA GLÓRIA BRANDÃO BATISTA DOS SANTOS

LOU ANDREAS-SALOMÉ: vida, obra e contribuições sobre o feminino na psicanálise

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior/UNILEÃO

Membro: Prof. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

LOU ANDREAS-SALOMÉ: vida, obra e contribuições sobre o feminino na psicanálise

Ana Glória Brandão Batista dos Santos¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O presente artigo parte de uma inquietação sobre a ausência de figuras femininas nos estudos de graduação em Psicologia. O objetivo desse trabalho é analisar a vida e as obras de Lou Andreas-Salomé, buscando contextualizar sua possível influência junto a Freud, a partir de seu ponto de vista em relação ao feminino na psicanálise. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa básica e exploratória, com abordagem qualitativa e teve como fonte de informação, a pesquisa bibliográfica. Lou Andreas-Salomé foi escritora e psicanalista pioneira na psicanálise, admiradora e amiga de Freud, cuja produção é pouco conhecida pela comunidade psicanalítica. Sua produção é relevante e diversa, abrangendo temas como feminilidade, erotismo, sexualidade feminina, narcisismo, analidade, diferença sexual, entre outros. Ao longo dos 25 anos que estudou e praticou a psicanálise, manteve diálogo com Freud, preservando suas próprias ideias, destacando-se como a sua grande interlocutora, mas divergindo quanto às teorias sobre o narcisismo e a feminilidade. O resultado dessa pesquisa nos conduz a dois modos de existência diversos, o masculino e o feminino, trazendo a autonomia e superioridade do elemento feminino. Essa distinção permite ao feminino viver sua plenitude existencial. A leitura e o estudo das obras de Lou Andreas-Salomé são importantes no momento atual em que o movimento feminista e os estudos de gêneros se encontram em crescimento, no intuito de provocar novas leituras e reflexões, contribuindo com o feminismo moderno, a emancipação das mulheres e o significado da feminilidade. **Palavras-chaves:** Lou Andreas-Salomé. Psicanálise. Feminino.

ABSTRACT

This article is based on a concern about the absence of female figures in undergraduate studies in psychology. The aim of this work is to analyze the life and works of Lou Andreas-Salomé, seeking to contextualize her possible influence on Freud, from her point of view in relation to the feminine in psychoanalysis. The research method used was basic and exploratory, with a qualitative approach and bibliographical research as its source of information. Lou Andreas-Salomé was a writer and psychoanalyst who was a pioneer in psychoanalysis, an admirer and friend of Freud, whose work is little known to the psychoanalytic community. Her work is relevant and diverse, covering topics such as femininity, eroticism, female sexuality, narcissism, anality, sexual difference, among others. Throughout the 25 years that she studied and practiced psychoanalysis, she maintained a dialogue with Freud, preserving her own ideas, standing out as his great interlocutor, but differing in her theories on narcissism and femininity. The result of this research leads us to two different modes of existence, the masculine and the feminine, bringing the autonomy and superiority of the feminine element. This distinction allows the feminine to live her existential fullness. Reading and studying the works of Lou Andreas-Salomé is important at a time when the feminist movement and gender studies are growing, in order to provoke new readings and reflections, contributing to modern feminism, the emancipation of women and the meaning of femininity. **Keywords:** Lou Andreas-Salomé. Psychoanalysis. Feminine.

¹ Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: anagloriabb@hotmail.com

² Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: raulmax@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da pesquisa efetuada ao longo do curso de Graduação em Psicologia, na Unileão, e teve como finalidade investigar a vida, obras e contribuições de Lou Andreas-Salomé sobre o feminino em Psicanálise.

A preocupação e a inquietação em investigar o trabalho dessa autora, no curso de Psicologia, surgiu por entender que as mulheres foram negligenciadas na história tradicional da psicanálise. Na experiência acadêmica, percebe-se que as psicanalistas mulheres quase não são abordadas nos currículos de graduação em Psicologia, a não ser, em sua maioria, enquanto exemplos de pacientes tratadas por médicos. Pesquisar sobre as mulheres, suas vidas, suas realizações científicas, suas teorias, principalmente na Psicanálise, traz um novo sentido e um novo olhar para a própria disciplina.

Destarte, essa pesquisa se propõe a responder a seguinte pergunta: De que forma a vida e a obra de Lou Andreas-Salomé contribuíram sobre o tema do feminino na Psicanálise? A fim de responder esse questionamento, este estudo teve como objetivo geral analisar a vida e as obras dessa autora, buscando contextualizar sua possível influência junto a Freud, a partir de seu ponto de vista em relação ao feminino na psicanálise.

O primeiro capítulo tem por objetivo específico resgatar a vida da autora, ligada a aspectos pessoais, sociais e intelectuais, retratando a época que ela viveu. Lou Salomé desafiou a moral e os costumes de seu tempo, tornando-se um dos grandes expoentes do que vem a ser a “nova mulher”, uma figura complexa e singular, que se apropriou da sua própria vida, ressignificando e ultrapassando os lugares permitidos às mulheres.

O segundo capítulo tem como objetivo específico investigar seu percurso pessoal e teórico rumo ao aprendizado e prática da psicanálise, com ênfase em episódios de sua vida e obra que contribuíram para que ela viesse a se tornar uma das principais amigas e interlocutoras de Freud, que a considerava sua grande “entendedora”.

O feminino em Lou Andreas-Salomé é o tema do terceiro e último capítulo, que tem por objetivo específico descobrir suas contribuições psicanalíticas voltadas ao feminino, abrangendo os motivos da relevância de um olhar atual sobre sua obra, cujo foco são questões relacionadas à temática da sexualidade feminina, erotismo, narcisismo e diferença sexual.

Assim, a leitura e o estudo das obras de Lou Andreas-Salomé são importantes no momento atual em que o movimento feminista e os estudos de gêneros se encontram em

crescimento, no intuito de provocar novas leituras e possibilitar reflexões, contribuindo com o feminismo moderno, a emancipação das mulheres e o significado da feminilidade.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho se propôs a pesquisar as contribuições psicanalíticas de Lou Andreas-Salomé, investigando suas contribuições com foco no Feminino. Por se tratar de um trabalho de ordem teórica, sua metodologia consistiu na pesquisa, leitura e análise de artigos científicos, textos clássicos, biografias, cartas, diários, teses e textos contemporâneos encontrados em bases de dados, como: Google acadêmico, Scielo, Pepsic, dentre outros, e que apresentaram relevância para o estudo do tema.

A presente pesquisa classifica-se como pesquisa básica e exploratória, uma vez que visa obter uma melhor compreensão e familiaridade com o tema ou problema proposto, tornando-o mais explícito ou ajudando a construir hipóteses. Seu foco é no avanço do conhecimento, mais do que tentar resolver um problema específico. A coleta de dados envolve levantamento bibliográfico, podendo ocorrer também através de entrevistas e análise de exemplos. Inclusive, a grande maioria das pesquisas acadêmicas, podem ser consideradas, num primeiro momento, como exploratória, uma vez que o pesquisador tem pouca definição do seu objeto de investigação (Gil, 2002).

Segundo Gil (2002), para que se avalie a qualidade dos resultados de uma pesquisa, é imprescindível conhecer como se deu a obtenção dos dados e como foi o procedimento de análise e interpretação. Assim, segundo a natureza dos dados, a pesquisa poderá ser qualitativa ou quantitativa. Os dados obtidos numa pesquisa quantitativa apresentam números, e em uma pesquisa qualitativa como essa, os resultados podem mostrar narrativas, pensamentos e experiências de pessoas que já pesquisaram o mesmo tema, ajudando a compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas, contextualizando e auxiliando o entendimento do fenômeno estudado.

Essa pesquisa apresenta como fonte de informação, a pesquisa bibliográfica. Será elaborada a partir de material já publicado, como: livros, revistas, teses, dissertações, e material disponibilizado na internet, para que se possa conhecer o pensamento da autora. Nessa pesquisa foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: Lou Andreas-Salomé, Psicanálise e Feminino.

3 BIOGRAFIA DE LOU ANDREAS-SALOMÉ

A sua biografia, considerada a mais completa, foi escrita por Heinz Friedrich Peters, e traduzida por Waltensir Dutra (Minha Vida), sendo um Livro de Memórias autobiográficas escrito entre os anos de 1931 e 1934, publicado na Alemanha após 1968. Difere da tradicional autobiografia, uma vez que não reconstrói os fatos em ordem cronológica, mas traz tópicos como Deus, amor, amizade, dentre outros, em forma de experiências marcantes em sua vida. Ainda dedica dois capítulos à amizade e aprendizado com Freud (Pereira, 2016).

Louise von Salomé, nascida no dia 12 de fevereiro de 1861, na cidade de São Petersburgo, na Rússia Imperial, foi a caçula e única filha mulher de uma família de cinco filhos. Recebeu o mesmo nome da mãe, Louise, uma mulher de origem russa, profundamente religiosa e dedicada à família. Seu pai era general do Exército do Czar, sendo dezenove anos mais velho que a sua mãe (Dacorso, 2017).

Louise Salomé foi criada pela família num ambiente aristocrático, em uma disciplina militar, preponderantemente masculina em contraste com a atmosfera cosmopolita e o espírito de liberdade da cidade de São Petersburgo. Seu pai era extremamente afetuoso, exercendo a autoridade paterna com amor, e toda a sua primeira infância esteve ligada a ele por uma ternura secreta, disfarçada diante da mãe. Foi mimada por seus irmãos e sua família era abastada e composta majoritariamente por homens que a cercaram de muita atenção e afeto, principalmente o seu pai (Alvares, 2018).

Sua infância foi vivida na Rússia, onde recebeu a maior parte de sua educação em casa, sendo uma criança que conversava com Deus e que o tinha como um pai generoso, protetor e compreensivo. Estudou religião com o conservador pastor Dalton, e posteriormente com o pastor Hendrik Gillot (1836-1916), seu tutor e ministro eclesiástico. Aos 17 anos, após a morte de seu pai, afasta-se da religião e de Deus, libertando-se de todas as repressões familiares. Embora afastando-se da religião parental, continua os estudos com o pastor Gillot a quem transfere seus sentimentos filiais (Dacorso, 2017).

Gillot, que era pastor da cidade de São Petersburgo, era vinte e cinco anos mais velho que Louise Salomé, e passou a ser seu confidente quanto às suas interrogações existenciais, sendo elevado por ela ao status de “homem divino”. Estudaram Spinoza e outros filósofos, e ao perceber a sua inteligência e genialidade a cognominou de “Lou”. Educou-a e aprimorou-a de forma espiritual e intelectual, permitindo que ela escrevesse

seus discursos, despertando-lhe o prazer e a arte da escrita. Afastou-a dos resquícios da infância, de seu país e de seu lar, jogando-a no mundo (Alvares, 2018).

Infelizmente seus estudos são interrompidos quando ele a pede em casamento. Isso foi o suficiente para Lou Salomé decepcionar-se e abandoná-lo, sentindo que tinha perdido o homem que tanto admirava e amava como a um pai e a um Deus. Assim, recusa a proposta e separa-se dele, pois diz querer moldar a sua vida de acordo com suas próprias ideias (Dacorso, 2017).

Sua educação foi realizada em meio à elite da Europa Oriental. Ainda jovem, com 19 anos, foi com sua mãe para Suíça, pois decidiu centrar sua vida no desejo pelos estudos. Frequentou cursos de religião comparada, filosofia, teologia e história da arte na Universidade de Zurique, uma das únicas que aceitavam mulheres, recebendo uma educação abrangente fora dos limites familiares e domésticos (Pereira, 2016).

Segundo Dacorso (2017), após um ano de estudos intensos, Lou Salomé adoeceu e precisou interromper os estudos por questões de saúde. Aos 21 anos, na primavera de 1882, sua mãe a levou para Roma, a fim de se recuperar. Em Roma ficou hospedada na casa da amiga e escritora Malwida von Meysenbug (1816-1903). Essa estadia em Roma proporcionou-lhe o início de sua circulação pelas principais rodas de intelectuais importantes da sua época (Pereira, 2016).

Malwida, conhecida como “a grande dama do feminismo” (Ferreira, 2000, p. 41, *apud* Sousa, 2016), era uma notável figura do feminismo alemão, ativista, pertencente à nobreza, escritora, idealista e advogada da justiça social, que abriu mão de títulos de nobreza e do casamento, para ajudar a emancipar mulheres. Era admirada pela elite revolucionária da Europa, escrevendo artigos, participando de movimentos onde manifestava-se pela liberdade humana (Dacorso, 2017).

Malwida reunia em sua casa, muitos intelectuais e artistas destacados, apresentando-os a Lou Salomé, tais como os filósofos alemães: Paul Ludwig Carl Heinrich Rée (1849-1901) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), o qual influenciado por Lou Salomé, escreve Zarathustra citando-a especificamente. Sempre vivendo à frente do seu tempo, ousou propor aos amigos Rée e Nietzsche, com quem logo estreitou laços de amizade, que vivessem os três juntos sob o mesmo teto, denominando essa sociedade de amigos por “Santíssima Trindade” (Sousa, 2016).

Ela não se atraía pelos relacionamentos amorosos comuns, sendo que seu interesse se direcionava, pelo menos à primeira vista, à esfera dos relacionamentos intelectuais. Aos vinte e um anos de idade ela convence os familiares a permitir que fosse viver com

seus amigos Friedrich Nietzsche e Paul Rée em uma espécie de comunidade de estudos. Por um período de seis meses encerrado em 1882, o trio desfrutou de um relacionamento intenso e mutuamente estimulante (Dacorso, 2017).

Embora fosse amiga de grandes nomes dos movimentos que lutavam pelos direitos das mulheres, como Malwida, Frieda von Bülow e Marie von Ebner-Eschenbach e a ativista Helene Stöcker, Lou Salomé nunca participou nem se manifestou sobre as pautas feministas do seu tempo (direito ao voto, lei do divórcio, legalização do aborto, etc.), mas incentivava as mulheres a desenvolverem suas vidas, além da carreira ou da devoção por alguém (Pereira, 2016).

Em razão de Nietzsche ter feito duras críticas a Rée, Lou Salomé perdeu o entusiasmo por ele, desfez a sociedade e mudou-se para Paris com Rée, onde moraram juntos como amigos. Também morou em Berlim e frequentavam juntos a vida intelectual e cultural efervescente dos anos 1882-1887, quando foi reconhecida e fez sucesso como crítica depois de seu primeiro romance, *Na luta por Deus*, publicado em 1885, sob o pseudônimo de Henri Lou, em homenagem ao pastor Hendrik Gillot (Alvares, 2018).

Lou Salomé tem sucesso com seu primeiro romance, escrito aos 23 anos de idade, o que deixa Paul Rée com sentimento de fracasso, o que leva o casal de amigos a separar-se. Desde 1880, ela já é uma escritora, autora e crítica literária reconhecida, vive em Berlim a partir de 1883, mas viaja por Munique, Paris e Viena, onde tem contato com diversos intelectuais, escritores e filósofos desse período, demonstrando seu trânsito pelo meio artístico e acadêmico (Silva & Santo, 2015).

Em meados de 1886, Lou Salomé conhece Friedrich Carl Andreas (1846-1930), que conta com 40 anos de idade, vive em Berlim e é professor universitário de línguas orientais. Nessa época Lou Salomé contava 25 anos de idade. No ano seguinte, casa-se com Andreas, que ameaçara suicidar-se, mas acordam que não manteriam relações sexuais, sendo uma condição proposta por Lou Salomé. Passa a chamar-se Lou Andreas-Salomé, vão morar em Göttingen, Alemanha, e convivem por mais de quarenta anos sem ter qualquer contato físico íntimo (Alvares, 2018).

Nos primeiros anos de casamento, acompanhava o marido por vários países, quando este viajava a trabalho, mas com o passar do tempo distanciaram-se e tinham vidas independentes. Com o sofrimento de Andreas em razão de Lou se recusar a ter relações sexuais, ela propõe o divórcio. Andreas recusa e diz não poder viver sem ela, continuando casados dessa forma, pois segundo Lou, os envolvimento sexuais acabariam com o amor (Sousa, 2016).

Conhece em Munique o poeta austríaco René Maria Rilke (1875-1926), que ainda era desconhecido e tinha apenas 22 anos de idade. Ele fica encantado com ela, começam uma amizade e logo a seguir uma relação amorosa, pelos seus poemas pode-se crer que ele foi seu grande amor. Lou aos 36 anos de idade apaixona-se por Rilke, e passa a chamá-lo por Rainer, nome que ele assume como escritor (Alvares, 2018).

O poeta Rilke é o homem com quem Lou vive verdadeiramente sua sexualidade, e apesar da relação de amor que tinham, ele a deixa após três anos de intensas relações, em razão dela não concordar em separar-se do marido (Alvares, 2018). Para Lou a união conjugal, do ponto de vista físico, estava fora de questão, pois acreditava que o amor sensual não era a base para o matrimônio. Apesar da singularidade dessa união e dos diversos relacionamentos que ela teve, permaneceu casada com Andreas até a morte deste (Dacorso, 2017).

Paul Rée suicida-se em 1901, com a morte dele e com a separação de Rilke, Lou adoece emocionalmente e começa a tratar-se com o Dr. Friedrich Pineles (1868-1936), um jovem médico vienense, conhecido por Zemek, com quem mantém um relacionamento afetivo por alguns anos. Recupera-se da depressão e engravida do médico, mas após sofrer uma queda de uma árvore, sofre um aborto espontâneo (Alvares, 2018).

Lou ressalta semelhanças de ideias e pensamentos com o marido, o que não a impediu de viver romances e paixões durante seu casamento. Ela buscava no casamento a estabilidade da mulher casada na sociedade patriarcal em que vivia, Lou parece ter dificuldade para dedicar-se ao outro, estabelecendo uma relação de reciprocidade, pois acredita que assim mantém sua autonomia. De todos os homens com quem Lou viveu de forma idílica a nenhum nomeia como amante e a todos trata como grandes e caros amigos (Sousa, 2016).

3.1 BELLE ÉPOQUE E PRODUÇÃO INTELECTUAL

A belle époque, surgiu na França, e de lá se alastrou por toda a Europa, nos anos de 1871 a 1914 (período que compreende o final da Guerra Franco-Prussiana e o começo da Primeira Guerra Mundial). Esse período é conhecido como *fin-de-siècle*, expressão francesa que denomina o movimento cultural difundido pela Europa Central, tendo várias expressões culturais, sendo um período de intenso dinamismo para o movimento feminino, com debate de ideias e uma produção extensa de obras femininas. Nesse

período há a ruptura do laço cultural com o passado, a revolta contra o velho e a busca por novas identidades na visão do ser humano e do mundo como um todo (Mattos, 2021).

As mulheres escritoras, em consequência da primeira onda do feminismo, ainda que dominadas e oprimidas pelo patriarcalismo do século XIX, escreviam suas obras e eram impedidas de assinar seus nomes, mas utilizavam-se de pseudônimos masculinos, pois a escrita feminina estava sob a dominação da escrita oficial masculina. Até mesmo Lou que viveu na Europa durante esse fim de século, produzindo uma extensa obra intelectual, se viu obrigada a passar por esse expediente e publicou seu primeiro romance como “Henri Lou” (Sousa, 2016).

Foi uma época de inovação, elogio à beleza, desenvolvimento dos transportes, invenção do telefone e surgimento do cinema. As pessoas questionam o novo tempo, a modernidade, o fim da tradição romântica (Dacorso, 2017). O Modernismo emergiu no período de 1880 a 1920, sendo o apogeu da primeira onda do feminismo, consolidando-se no movimento de sufrágio feminino (Mattos, 2021).

Algumas obras importantes de Lou Andreas-Salomé desse período são: *As Heroínas de Ibsen* (1892); *Nietzsche em Suas Obras* (1894); *O Romance Ruth* (1895); *Reflexões Sobre o Problema do Amor* (1900); *A Humanidade da Mulher*; e *O Erotismo* (1910). Essas obras analisam os problemas da mulher na sociedade contemporânea, através da sua ótica de amor e erotismo (Dacorso, 2017).

Segundo Kraft (1985 *apud* Pereira, 2016), Lou Salomé foi testemunha do fim da tradição romântica e participou da evolução do pensamento moderno, foi um ícone do que vem a ser entendido por “mulher moderna”.

4 SEU PERCURSO NA PSICANÁLISE E SUA AMIZADE COM FREUD

Lou Andreas-Salomé, participa do III Congresso de Weimar da Associação Psicanalítica Internacional, no ano de 1911, a convite de Poul Bjerre (1876-1964), psiquiatra sueco, que estudava psicanálise, com quem se relacionava na época. Nessa ocasião foi apresentada a Sigmund Freud, deixando-o encantado com sua segurança, confiança, vitalidade e curiosidade, achando graça no seu entusiasmo quase infantil (Dacorso, 2017).

Após o Congresso, Lou solicita fazer parte das reuniões das quartas, o que é aceito por Freud, e em 1912 ela vai para Viena participar do grupo de psicanalistas, composto em sua maioria por homens, envolvendo-se amorosamente com vários deles. Quando ela

acessa o círculo psicanalítico, conta com 50 anos de idade, e possui uma elevada reputação enquanto escritora de vanguarda, com uma escrita psicológica e criativa, uma intelectual com inúmeras produções, especialmente como criadora de heroínas fictícias representando as novas mulheres que surgiam na Europa (Dacorso, 2017).

Em Viena, Lou frequenta o teatro, o cinema e os círculos literários dos amigos Beer-Hofmann, Schnitzler, Salten, Ebner-Eschenbach, Brandes, Harden, etc., frequenta ainda as sessões de Adler, os seminários de Otto Rank e Hermann Swoboda, mas o que ela prioriza em sua agenda, são os encontros de quarta-feira da Sociedade de Viena, um pequeno grupo com 42 membros inscritos em 1912-1913, sendo quatro mulheres (Astor, 2018).

Ao se deparar com a Psicanálise, Lou Andreas-Salomé já possui percepções, ideias e visão de mundo modernas, construídas durante seus estudos e seu convívio com intelectuais da sua época. Ela explica, em seu livro *Minha Vida* (1985, p. 106), os dois fatores que a tornaram receptiva à “psicologia profunda de Freud”, que seriam dois: O primeiro seria “a excepcionalidade e raridade do destino psicológico de cada indivíduo”; e o segundo, ter crescido em um país, a Rússia, onde o seu povo libera sua intimidade sem maiores rodeios (Astor, 2018).

Ao dialogar com Freud, estabelece-se um interesse imediato pela psicanálise, pois encontra um espaço de vanguarda sobre o ouvir, sobre o sujeito que pode ser investigado fora dos padrões e pressões religiosas, culturais e políticas. Freud se surpreende com essa mulher que insiste em ser otimista e alegre. Para Lou, que se afirmou sempre como escritora, a vida de cada paciente deve ser vista como um romance. Em sua análise é possível aprofundar, ainda mais, os segredos e os mistérios desta vida (Dacorso, 2017).

A Psicanálise foi construída e fundamentada através de muitos diálogos. Os primeiros psicanalistas se reuniam nas noites psicológicas das quartas-feiras, onde debateram e formularam seus estudos sobre casos clínicos, e também mantinham contato por meio de inúmeras cartas, que auxiliaram na arqueologia da teoria psicanalítica. Segundo Roudinesco (2016), Freud não foi um gênio solitário, mas representou um pilar importante em um momento histórico muito produtivo.

Lou Salomé foi bem aceita pelo grupo de psicanalistas, e nas reuniões permanecia em silêncio, muitas vezes apenas ouvindo e tricotando, levando a pensarem que ela não estivesse entendendo a profundidade dos conceitos elaborados e discutidos, mas ela logo a seguir articulava sínteses bem aprofundadas que deixava Freud espantado. Apesar de ser a participante mais viajada e a que mais participava de outros grupos de estudos, como

o de Adler, é muito intrigante a pouca importância de suas ideias junto ao grupo de pensadoras da alma humana, principalmente porque ela não se abstinha de emitir sua opinião, visto ser uma crítica literária (Dacorso, 2017).

Freud chegou a referir-se a Lou Andreas-Salomé como “a mais dedicada dos intérpretes”, “a Poeta da Psicanálise”, pois muitas vezes se espantava com suas articulações e sínteses aprofundadas, chegando inclusive a adjetivar sua inteligência como “demoníaca” (Peters, 1986, p. 239). Freud chegou a conceder a ela que frequentasse, ao mesmo tempo, as reuniões do grupo de Adler, algo que era vetado a qualquer membro do movimento psicanalítico na época. Assim, ao longo do tempo emergiu como grande entendedora da metapsicologia freudiana. (Dacorso, 2017).

Lou Salomé foi uma das pioneiras nas reuniões das quartas-feiras, mantendo um diálogo permanente com Freud, que a admirava por seus ideais morais, correspondendo-se também por cartas e tornando-se amiga pessoal e intelectual. Segundo Astor (2018), Lou trocou correspondências com Freud durante os anos de 1912 a 1936, encontrando-se uma coletânea de cartas escritas por Freud para Lou Andreas-Salomé, entre elas ele expõe esse registro de uma carta de 10 de novembro de 1912:

A senhora me fez falta na sessão da noite passada e estou feliz em saber que sua visita ao campo da oposição masculina [o de Adler] não tem relação com sua ausência. Adquiri o mau hábito de sempre dirigir minha conferência a certa pessoa de meu círculo de ouvintes e não parei, ontem, de fixar como que fascinado o lugar vazio que lhe fora reservado (Andreas-Salomé; Freud, 1975, p. 17).

Através desse trecho de carta percebe-se o clima de amizade e admiração mútua que existia nas correspondências e comunicações entre a Poetisa e o pai da Psicanálise. Lou aproximou-se de Freud devido ao seu interesse pelas relações humanas, pela condição feminina e por assuntos como amor e erotismo. Encorajada por ele, começou a dedicar-se à psicanálise e tornou-se uma das primeiras mulheres a praticá-la (Castro, 2021).

Em 1914, após uma série de acontecimentos que iniciaram com o assassinato do príncipe herdeiro da Áustria-Hungria, a Alemanha declara guerra à Rússia e, posteriormente à França, tendo início a Primeira Guerra Mundial. Esse momento fecha para toda uma geração cosmopolita as fronteiras que antes permitiam o livre acesso a povos e países diferentes. Lou Salomé se vê reclusa em sua própria casa, em Göttingen, Alemanha. Confinada, ela escreve a Freud, suas trocas serão epistolares, abrangendo o

período de 1913 a 1921. Essa aproximação teórica fornece um panorama relevante sobre os diversos diálogos pessoais e teóricos, inclusive no que tange à compreensão da feminilidade, seus processos subjacentes e desdobramentos (Astor, 2018).

As correspondências trocadas entre Lou e Freud, revelam a profunda mutualidade de valores e ideias, mas também evidenciam contrastes psicológicos significativos, sendo marcante o pessimismo de Freud quanto a natureza humana e as nuances dominantes do espírito humano, enquanto o otimismo reinante em Lou não a permite acreditar na existência da pulsão de morte, para ela só existe a pulsão de vida. Ela inclusive reconhece os perigos de sua alegria de viver subjetiva, essa liberdade de fidelidade, quando diz “Nada me agrada mais, de minha parte, que o senhor me segure na coleira para me guiar – desde que a coleira tenha uma boa extensão” (Astor, 2018, p. 238).

A produtiva correspondência que se seguiu entre os dois está disponível no Livro *Cartas: Sigmund Freud e Lou Andreas-Salomé*, em inglês. Os dois discutem os papéis um do outro, trocam opiniões sobre os pacientes e diversos assuntos: do narcisismo à ansiedade e a masturbação; falam sobre perspectivas e métodos de trabalho, discutem sobre a psicologia do artista, preocupações sobre o amor, criatividade, espiritualidade, morte e sentido da vida. Além de abraçarem-se e admirarem a amizade que construíram, onde ela a chama por “Caro Professor” e ele a agradece pela “discussão pertinente e estimulante” (Peter, 2020).

Segundo Astor (2018), Lou iniciou sua carreira psicanalítica em 1915, em plena Guerra Mundial, abrindo um consultório em Göttingen, na Alemanha. Ao longo de toda a década de 1920 ela exerce sua nova profissão, não apenas em Göttingen, mas também em Berlim e Munique. Por mais de vinte anos trabalhou intensamente na sua clínica, incluindo o período traumático do pós-Primeira Guerra Mundial, Lou pôde publicar diversos artigos, tais como: *Sobre o Tipo Feminino* (1914), *Anal e Sexual* (1915), *Psicossexualidade* (1917) e *O Narcisismo Como Dupla Direção* (1921).

Importante considerar que Freud, era apenas cinco anos mais velho que Lou, sendo seu contemporâneo, e fazendo parte da mesma geração que viu ascender na Europa o pós-romantismo e seus dilemas. Embora possuíssem grande afinidade pessoal, suas visões de mundo e de sujeito eram, muitas vezes, opostas. Freud acreditava que a felicidade não faz parte da cultura e o desprazer implica uma tensão interna constante (Castro, 2021).

Para Mazin (2002), esse foi “um encontro entre o otimismo do século 19 e o pessimismo do século 20”. Esse ponto representa uma das maiores divergências nas obras

de ambos, entre a busca da plenitude e o mal-estar na civilização. Para Freud a infelicidade está na raiz da condição humana, pois a própria civilização impõe um mal-estar fundamental no sujeito a partir da dicotomia intransponível entre as exigências da pulsão e as da sociedade. Para que a civilização funcione, o sujeito é obrigado a renunciar a suas satisfações pulsionais em prol de um suposto bem-estar coletivo. Para Lou, o homem se encontra em unidade maior com tudo que existe no universo, numa totalidade, sendo o prazer facilmente acessível (Pereira, 2016).

Mantiveram um longo diálogo e intensa amizade durante anos. Os dois passaram a trocar correspondências sobre a teoria psicanalítica e suas vidas, passando Andreas-Salomé a contribuir não só para a elaboração da teoria psicanalítica, mas para Freud pessoalmente, numa dessas cartas Freud escreve a Andreas-Salomé solicitando auxílio e confidenciando-a a respeito de seus temores e preocupações com o futuro amoroso de sua filha Anna. “A menina me dá bastante preocupação: de que modo ela vai enfrentar a vida sozinha”, revelando também a dificuldade de “trazer sua libido do esconderijo no qual se enfiou” (Gay, 2012, p. 445).

Confessa ainda, sobre sua incapacidade de renunciar a Anna, fazendo uma comparação com a sua dificuldade de deixar de fumar charutos. A intenção de ser substituído por uma mulher na análise, era o fato de acreditar que as resistências da filha, a indiferença pelo sexo e os assuntos femininos seriam melhor tratados por Lou, pois a tinha como analista e escritora inteligente e sensível, que poderia ser uma mentora para sua filha (Pereira, 2016).

Assim Freud lhe confia a análise de sua filha Anna, o ano de 1921 marca o início dessa amizade tão importante entre Lou Salomé e Anna Freud. É válido observar que, nesse período, com o auxílio de Lou, ele também analisava sua filha. Lou insiste para que Anna Freud encontre coragem e disciplina para escrever, entendendo que pouco importa sua vocação literária, pois o que é indispensável é encontrar uma via para expressar sua criatividade e autoconfiança (Astor, 2018).

Segundo Astor (2018), Freud via em Lou a figura de uma discípula admiradora de seu trabalho, mas também a reconhecia como herege e capaz de divergir do mestre, por ter um espírito independente. No livro de correspondência entre os dois ele escreve: “Não posso acreditar que haja qualquer perigo de a senhora entender mal qualquer de nossos argumentos”. E em seguida, complementa: “Se isso acontecesse seria por nossa, neste caso minha, culpa. Afinal, a senhora é uma ‘entendedora’ *par excellence*. E, além disso,

seu comentário é uma ampliação e um melhoramento do original” (Carta de Freud a Andreas-Salomé, 25 de maio de 1916 – Andreas-Salomé; Freud, 1975, p. 65).

Lou produz “Uma carta aberta ao prof. Freud em ocasião de seu aniversário de 75 anos”. A reação de Freud é a mais elogiosa e demonstra toda sua admiração pela sua capacidade de síntese e por sua descrição artística: “Da senhora, é o que li de mais belo, uma prova involuntária de sua superioridade sobre todos nós, correspondendo aos cumes dos quais a senhora desceu para vir até nós” (Carta de Freud a Andreas-Salomé, em 10 de julho de 1931. In: Salomão (Org.), 1975, p. 254).

Lou Andreas-Salomé permaneceu casada por 43 anos, até a morte de seu marido, em 1930, este teve dois filhos bastardos com a governanta, um filho faleceu e a filha foi feita sua herdeira. Após padecer os anos finais de sua vida com problemas cardíacos, diabetes e câncer de mama, vem a falecer na noite do dia 05 de fevereiro de 1937, em sua casa na cidade de Göttingen, Alemanha, aos 76 anos de idade (Souza Jr, 2022).

Freud (1937/1996, p. 315), escreveu um elogio fúnebre ressaltando a “genuinidade e a harmonia de sua natureza”, acrescentando que “todas as fraquezas femininas e talvez a maioria das fraquezas humanas lhe eram estranhas ou tinham sido por ela vencidas no decorrer de sua vida”. Eles trocaram correspondência até uma semana antes dela completar 76 anos de idade. Após sua morte, seus livros e anotações foram recolhidos por soldados da Gestapo, sob o argumento de que a psicanálise era uma ciência judaica, e que, por ela ser amiga íntima de Sigmund Freud, sua biblioteca estava repleta de autores judeus (Pereira, 2016).

5 CONTRIBUIÇÕES DE LOU-ANDREAS SALOMÉ PARA A PSICANÁLISE EM TORNO DO FEMININO

A escuta das mulheres histéricas sobre a temática da sexualidade feminina, foi abordada desde as primeiras correspondências entre Freud e Fliess, até seus últimos textos que ficaram inacabados, e sempre representaram um mistério para Freud. O movimento de escutar essas mulheres histéricas, em oposição à mera observação e diagnóstico da paciente, teve importância fundamental no processo de retirada da histeria do âmbito da “loucura”. Freud inovou quando revelou que o sintoma hístico é inconsciente, e não a suposição corrente de que seus sintomas fossem resultantes de uma farsa, fingimento ou de uma produção racional da hística. Por meio da fala essas mulheres passam a dar voz

ao seu corpo e a expressarem-se em palavras, e não mais apenas em sintoma corporal, esse é o caráter libertário da escuta psicanalítica (Pereira, 2016).

Segundo Rosa (2018), o campo de estudo da psicanálise também teve a participação de mulheres, a primeira geração de mulheres psicanalistas, as de 1910, que discutiram e contribuíram com a indagação que Freud dirigiu a Marie Bonaparte: “O que quer uma mulher?” Lou Andreas-Salomé, foi uma dessas mulheres, que teve influência direta na questão do feminino em suas obras: *Reflexões Sobre o Problema do Amor* (1900) e *O Erotismo* (1910). Esses ensaios foram publicados anteriormente a seu contato com a psicanálise, mas dialogam com o erotismo e a feminilidade (Pereira, 2016).

O conceito de feminilidade sofreu uma reviravolta em relação às primeiras formulações de Freud sobre o assunto. Em seu escrito final sobre o tema, Freud nega quaisquer essências determinantes da masculinidade ou da feminilidade, afirma que o que os constitui é de uma ordem outra, desconhecida, que foge ao alcance da anatomia. E encerra o texto admitindo que, apesar de seus esforços, essa teorização sobre o feminino é incompleta e fragmentária. Recomenda a seus leitores que desejam saber mais sobre o tema, que recorram a sua própria experiência de vida, aos poetas, ou que aguardem até que a ciência lhes forneça respostas mais satisfatórias (Freud, 1932/2006, p.134 *apud* Pereira, 2016).

Alvares (2018) sugere que a leitura do feminino deve surgir a partir do feminino e não pela via do discurso que alimenta o falocentrismo, que fala da origem do feminino através do masculino. No ensaio psicanalítico de 1914, “Sobre o Tipo Feminino”, Lou Andreas-Salomé introduz seu ponto de vista feminino no discurso psicanalítico com reflexões sobre a feminilidade e a psicanálise.

Os escritos de Lou Salomé podem causar impacto nos leitores devido à preciosa intensidade e imediato prazer de leitura. Entretanto, seus ensaios levam a um silêncio recolhido e à meditação sobre esse modo de existir. A diferença entre os sexos é tratada por ela, sendo o tipo feminino um modo de ser e pensar da condição feminina, sua própria natureza a levaria ao caminho da felicidade. Essa é a primeira tentativa teórica de fundamentar a ideia da superioridade feminina, através de sua interpretação do indiferenciado que caracteriza o feminino e ostenta o signo de autonomia e liberdade, e não uma incompletude (Lorenzoni, 2020).

Em resposta aos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) de Freud, Lou Andreas-Salomé reflete através de “Sobre o Tipo Feminino”, de 1914 (texto recém-publicado no Brasil (2022), traduzido do alemão), sobre a natureza feminina e a diferença

entre os sexos. Esse ensaio consiste numa revisão de suas obras anteriores (*Reflexões Sobre o Problema do Amor e O Erotismo*), acrescidos do conhecimento psicanalítico adquirido, reafirmando seu posicionamento, que antes era intuitivo (Pereira, 2016).

O princípio da diferença entre masculino e feminino foi construído no texto “Sobre o Tipo Feminino” de forma alegórica através de botões e moedas. Essa diferença é trazida poeticamente como relações complexas e indiretas, retratando, ora partes do corpo da mãe, ora discurso do pai, intuindo-se consequências bem mais abrangentes, sendo impossível capturar sua abordagem em um saber fechado. Apesar do título dessa obra tratar de tipo como se fosse apenas um, uma mulher genérica ou uma mulher-tipo, a comparação com botões e moedas mostra a infinidade de constituições singulares e a riqueza que existe em cada mulher, também associa as moedas ao dinheiro, e lhes atribui valor de troca e partilha (Costa, 2023; Souza Jr, 2022).

A temática do seu ensaio “Sobre o Tipo Feminino” está centrada na distinção entre dois modos de existência diversos, onde a autora explora a autonomia do elemento feminino sobre o elemento masculino. Um dos seus objetivos é demonstrar explicitamente a superioridade existencial do feminino, levando ao reconhecimento do feminino consigo mesmo, potencializando-se. Portanto, apenas distinguindo-se do masculino e procurando conhecer-se a si mesmo, é que o feminino conseguirá viver plenamente sua existência, de forma a viver livremente e cumprir o propósito ético da felicidade (Lorenzoni, 2020).

Lou é extremamente importante para a compreensão da obra freudiana, suas reflexões são importantes, uma vez que Andreas-Salomé teve direta influência em boa parte dos grandes temas discutidos pelo Pai da Psicanálise, como narcisismo, teoria das pulsões e erotismo anal (Castro, 2021). Com base na leitura e análise dos principais textos de Lou Salomé e Freud a respeito do feminino, é possível perceber que suas teorizações e principais questões influenciaram mutuamente suas obras, principalmente em torno dos seguintes eixos: a inveja do pênis, o narcisismo, a teoria das pulsões e o erotismo anal.

5.1 A INVEJA DO PÊNIS

A teoria freudiana sobre a sexualidade infantil tenta dar conta de apreender a essência do feminino através de um “vir a ser”. A realidade anatômica nas meninas seria da ordem da ausência, assim as meninas teriam inveja do pênis dos meninos, pois acreditam que foram injustamente privadas de terem esse órgão. Para meninos e meninas

a mãe é o objeto de amor original. Para Freud, o Complexo de Édipo nas meninas, instaura-se com fortes sentimentos de hostilidade contra a mãe uma vez que ela não lhe deu um pênis. Ela teria que mudar de objeto de amor, distanciando-se da mãe e buscando o amor do pai (Pereira, 2016).

Freud supunha ainda que a menina precisava mudar o seu órgão genital, abandonar o clitóris e instituir a vagina, só assim seguiria em direção ao desenvolvimento de sua feminilidade. Enquanto nos meninos o Complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas este o introduziria. Outro ponto que é destacado por Freud é a importância da maternidade para as mulheres. Só um filho poderia satisfazer o desejo da mãe e dotá-la com o pênis desejado - falo. Inúmeras são as ocorrências que atestam a convicção de Freud de que o destino natural da mulher é a maternidade e o lar conjugal (Astor, 2018).

Para Lou Salomé a inveja do pênis na obra freudiana era uma forma de representar o desejo por igualdade das mulheres, uma procura por direitos iguais entre os gêneros, ponderando sobre a presença de estruturas patriarcais no psiquismo da mulher. Diferentemente de Freud, que entendia a mulher em uma posição de incompletude em relação aos homens, ela não acreditava que as mulheres estivessem em uma posição de falta. Assim, para esse questionamento da inveja do pênis, a autora destinava aos homens a inveja da capacidade de procriar limitada às mulheres, o que a coloca nos debates contemporâneos (Peron; Rubin; Maschietto, 2023).

5.2 NARCISISMO

Enquanto o narcisismo pensado por Freud permite a constituição de um Eu, para Andreas-Salomé o narcisismo permite transpor os limites do Eu. Apesar de Freud também trabalhar com dois momentos do narcisismo, primário e secundário, a ideia de dupla tendência narcísica de Lou parece expandir o modo como era compreendido o conceito por Freud, opondo a tendência de retorno ao momento de união com o todo, ao investimento do excedente de libido do eu para outras possibilidades (Peron; Rubin; Maschietto, 2023).

Para Freud, o narcisismo é compreendido em duas fases: narcisismo primário e secundário. O narcisismo primário é a fase da primeira infância, é uma relação de amor consigo mesmo, um estado de satisfação em si mesmo, sendo uma herança do ideal narcísico dos pais. É uma fase necessária para os processos de identificação e

diferenciação de si em relação ao outro. Já o narcisismo secundário, resulta no retorno ao Eu dos investimentos feitos sobre objetos externos, onde o sujeito é capaz de relacionar-se de forma saudável com o mundo externo (Costa, 2023).

Para Lou, a questão do Narcisismo é crucial para a construção da feminilidade. O livro *Narcisismo Como Dupla Direção*, foi recentemente publicado no Brasil (2021), traduzido direto do alemão, em edição comemorativa aos 100 anos da publicação do ensaio (Silva & Santo, 2015).

Segundo Lou, o narcisismo designa não apenas o amor dirigido a si próprio, mas também, o amor direcionado ao outro, visando a sua união com ele, assim como teria ocorrido com o lendário “Narciso”. Sua interpretação sobre o mito de Narciso é diferente da de Freud, para ela, Narciso viu não apenas sua imagem no reflexo, mas viu a unidade com tudo que o cercava, o “espelho da Natureza” e talvez tenha visto sua ausência nessa imagem (Pereira, 2016).

Há uma concordância entre o seu pensamento e o de Freud quanto à ideia de que a mulher preservou seu narcisismo infantil na fase adulta, enquanto o homem o perdeu e nutre grande nostalgia por ele. Destaca que a mulher, em razão da difusão de seu narcisismo que o torna oposto à autossuficiência, tem muito mais necessidade de ser amada do que amar. Os homens se sentem atraídos por pessoas com narcisismo preservado, que demandam o amor deles (Castro, 2021).

5.3 TEORIA DAS PULSÕES

Uma importante diferença da obra freudiana é a recusa que Lou faz do conceito de pulsão de morte. Para ela há o movimento de retorno do sujeito, mas este movimento é direcionado à tentativa de retorno ao momento mítico de indiferenciação com a totalidade. Ela defende o primado absoluto da pulsão de vida sobre a pulsão de morte. Entende que essa busca pela volta ao estado de fusão com a mãe, com o mundo e com a natureza, é uma das tendências do narcisismo, é um retorno para o estado de ausência de falta e, portanto, falta de desejo. No entanto, ela não relaciona isso à pulsão de morte (Peron; Rubin; Maschietto, 2023).

Lou jamais abandonará sua posição sobre a inexistência da pulsão de morte, na *Carta Aberta a Freud*, datada de 1931, embora apresente um discurso de infinito reconhecimento por Freud, ela afirma:

Se reconhecermos nele [o inconsciente] uma manifestação “pulsional”, a inteligência e os sentidos se colocam ao lado da vida, e, para serem consequentes, precisam agir assim mesmo quando o conteúdo de uma impulsão se revelar destruidor. Mesmo com o humor mais “mortal”, a cólera, o ódio, o dom de si a uma realidade suprassensível, etérea, podem minar surdamente o que existe; em todos os casos, a parte de afeto que se manifesta tem por objetivo uma satisfação viva [...] (Andreas-Salomé, 1931, p. 75).

O pensamento de Lou não é de oposição ou de contradição, mas da nuance e da perspectiva. Ela traz uma nova luz, um deslocamento do ponto de vista da teoria freudiana, que não a ameaça frontalmente, mas lhe confere uma nova dimensão (Astor, 2018).

5.4 EROTISMO ANAL

Sua perspicácia na elaboração de *Anal e Sexual* (1916), foi reconhecida por Freud em mais de uma oportunidade, assim como por Lacan, que o evocou no *Seminário 10* sobre angústia (Souza Jr, 2022). Sobre a questão do anal, a autora diz que é algo do que menos queremos saber, afirmando seu erotismo com um duplo recalque, explica seu movimento em retenção e expulsão. O bebê ainda não sabe diferenciar o prazer anal, ele ainda não diferencia o dentro/fora, para ele o que é expelido ainda faz parte de seu corpo. O que é específico desse prazer é quando a criança começa a reter as fezes, essa percepção de domínio constituir-se-ia como as bases de um erotismo na retenção (Costa, 2023).

Lou debruça-se sobre a questão da constituição do Eu, em vários momentos, para destacar o papel do primeiro recalque que rompe a simbiose com a mãe e o mundo. Discorre sobre o papel da recusa do anal, bem como de tudo que a ele se refere, no recalque originário, e sobre a função das primeiras proibições em uma delimitação das pulsões, que antes agiam quase que ilimitadamente entre o corpo do bebê e o ambiente (Peron; Rubin; Maschietto, 2023).

Segundo Costa (2023), a autora informa que o outro já está ali no que é retido, e vai incorporar o termo “sujo” ao estranho, ao que sai de dentro para fora. A matéria do anal dissolve-se na não-vida, no cadáver, na morte, essa alegoria do objeto é explicada sobre o funcionamento do anal. A leitura de Lou diz respeito à construção de uma escrita rebuscada de paradoxos e alegorias, onde é preciso colocar algo de si para compreendê-la.

Se a vivência do prazer na analidade segue um caminho onde o recalde desse período não é violento, as pessoas transferem e transformam as sensações iniciais na sexualidade adulta. O nojo, o sujo, o vergonhoso não contamina a sexualidade madura. É no erotismo anal que o olfato tem sua importância, ele é um ensaio para o erotismo genital e reproduz a luta entre desejo e prazer. A proximidade física entre ânus e genitália significa que no ato sexual a morte (território dos excrementos) é transmitida pelas forças da vida e da reprodução. O erotismo anal se relaciona à importância dos primeiros anos de vida (Dacorso, 2017).

5.5 O FEMININO EM LOU ANDREAS-SALOMÉ

Para Lou, a mulher tem uma relação com a vida diferente do homem, uma relação mais íntima e total, sugerindo sua superioridade a este. O feminino e o masculino não seriam duas metades que se complementariam, mas seriam dois mundos extraordinários, diversos e complexos, com a tarefa de elevar a vida a um desenvolvimento superior. O componente masculino seria o mais necessitado de agenciamentos, e nessa sua impossibilidade de autonomia é que residiria a sua inferioridade (Lorenzoni, 2020).

Ela entende que a sexualidade feminina é menos predisposta a agressividade, é sempre mais próxima da união original, também é menos isolada de expressões sublimatórias do que a sexualidade masculina. Entende ainda que a mulher difere do homem por não procurar nas coisas o que é inatingível ou infinito, uma vez que sua fonte de satisfação está dentro de si mesma (Pereira, 2016).

Discute a diferença entre os sexos e a passividade feminina, em oposição à atividade conflituosa que teria lugar nos homens. Para a autora as mulheres estariam fadadas à infelicidade caso se propusessem a viver conforme o modo de ser masculino. Ela é contrária à competição intelectual e prática entre o homem e a mulher, por derivar em sentimento de ambição. A grandeza natural da mulher reside na ausência da ambição masculina, saber-se com um modo de existência extraordinário. Competir com o homem, imitando-o em seu modo de agir, contraria a essência da mulher e a mutilaria existencialmente (Lorenzoni, 2020).

Lou afirma o potencial positivo da diferença sexual da mulher mostrando que essa diferença é condicionada pelo contexto histórico, mesmo assim reivindica o direito ao amor em igualdade de condições com os homens. Para ela, a paixão tem a capacidade de abrir em nós o caminho da totalidade da vida e de nos colocar em estado criativo.

Defendeu também a busca da independência das mulheres atrelada a uma valorização da feminilidade. Por compreender a feminilidade como algo positivo e autossuficiente acabou por não desafiar ou ameaçar os conceitos e noções sobre a masculinidade (Alvares, 2018).

Considera a sexualidade feminina dotada de um perfeito equilíbrio e menos predisposta a tendências agressivas, já que seus impulsos seriam direcionados a si própria. Em suas análises da subjetividade feminina, ela lamenta o fechamento das mulheres em um mundo de fantasia, devido à falta de acesso que lhes é imposta ao mundo objetivo. Enfatiza a força e a capacidade criativa da mulher, mas preocupa-se com os limites que são impostos à mulher, a questão da ausência de educação formal, o perigo de estarem contidas na estreiteza da vida doméstica, a falta de limite de seus desejos e fantasias, insistindo sobre a insuficiência das teorias existentes em explicar as desigualdades persistentes entre mulheres e homens (Mattos, 2021).

Por fim, a autora considera que a feminilidade se caracteriza pela plenitude, essa plenitude é intrínseca às mulheres, o que as leva a ter mais facilidade no entendimento de assuntos abstratos. A mulher é a base e o topo da pirâmide da vida, é a condição mais “humana” por excelência, pois permite a integração e harmonização entre impulsos diversos e opostos. A liberdade da mulher não consistiria em se nivelar ou assemelhar aos homens, mas na possibilidade de “feminilizar” o mundo e conduzir os homens à descoberta dos lados femininos deles mesmos, os quais psicologicamente seriam tão profundos e presentes quanto sua própria masculinidade (Pereira, 2016).

Sua produção está estreitamente relacionada com suas experiências pessoais, e em sua produção psicanalítica isso não deixa de ocorrer. Aos vinte e um anos de idade escreveu: “Eu certamente vou criar a minha própria vida segundo eu mesma, seja como for [...] Mas veremos se a grande maioria dos ‘limites insuperáveis’ que o mundo impõe vão se revelar meros traços de giz inofensivos!” (Andreas-Salomé, 1974, p.78).

Suas ideias originais foram ampliadas com o embasamento psicanalítico, mas a reafirmação do que a autora já defendia, a partir de sua experiência empírica, permanece. Suas ideias sobre a feminilidade se distanciam do que é discutido por Freud, é o que demonstram suas discussões teóricas durante sua longa troca de correspondências. Por ter sido interlocutora de Freud, teve acesso privilegiado às obras do Pai da Psicanálise, o que confere grande importância ao estudo de suas produções (Peron; Rubin; Maschietto, 2023).

O pensamento dessa autora abrangeu uma ampla gama de áreas, ela soube penetrar na filosofia de “Spinoza”, no existencialismo de “Nietzsche”, na poesia de “Rilke”, na psicanálise de “Freud”, além da arte e religião, para esboçar uma grande variedade de conexões dentro da teoria psicanalítica. Sua escrita faz ressoar sentidos mais amplos, revelando algo precioso no pensamento analítico: o singular oferece resistência ao universal. E enquanto Freud escrevia em prosa, ela escrevia em poesia (Souza Jr, 2022).

As correspondências trocadas entre Freud e Lou são fontes de pesquisa extremamente importantes, pois percebemos através delas a mistura de aspectos teóricos e pessoais acerca do desenvolvimento da teoria e da própria história da Psicanálise. Ademais, Freud apoiou e orientou a formação prática de Lou como psicanalista e, embora haja influências de Freud, a produção de Lou Andreas-Salomé é extremamente original (Pereira, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se priorizar uma autora não muito conhecida no Brasil, Lou Andreas-Salomé. A história dessa psicanalista foi por muito tempo focada em sua biografia, ficando sua produção teórica apagada e esquecida. Lou foi uma mulher fascinante, tanto pela sua beleza como pela sua inteligência, escreveu inúmeros trabalhos e teve uma vida que escandalizou a sociedade machista e hipócrita do final do século XIX, quebrando regras e superando preconceitos.

Esteve à frente do seu tempo, sendo testemunha de movimentos revolucionários na literatura, nas artes e na psicanálise. Lutou pelos seus direitos e pelas suas verdades, provocou paixões em quase todos os homens que a conheceu, e aprendeu a estar acima das normas impostas ao feminismo de sua época. Lou produziu trabalhos considerados feministas para sua época, embora ela própria não se intitulasse feminista.

Lou Salomé foi amiga e interlocutora de grandes pensadores, como Nietzsche, Rilke, entre outros, desempenhando um grande papel na história intelectual da sua época. Seu interesse pelas relações humanas e pela condição feminina a aproximou de Freud. O diálogo entre eles resultou em trabalhos psicanalíticos, onde Lou preservou suas próprias ideias, divergindo em alguns pontos da teoria, mas mesmo assim manteve um lugar de destaque como grande entendedora e interlocutora de Freud, além de contribuir com a sua própria experiência clínica e pessoal, expandindo a compreensão da feminilidade e do “continente obscuro” que é a mulher.

As questões de gênero estiveram nas entrelinhas em todo o trabalho, não se pode deixar de mencionar que, além do pioneirismo em diversas áreas, ela é um exemplo de como as mulheres contribuíram para diversas áreas científicas, apesar de esquecidas. Portanto, há muito ainda o que fazer para resgatar a produção intelectual dessa mulher, e não apenas resgatar, mas fazer com que essas descobertas sejam utilizadas como fontes de conhecimento científico.

Recentemente, foram lançados dois filmes sobre a história dessa excêntrica senhora russa. Ela ressurgiu como personagem do romance *‘Quando Nietzsche Chorou’*, de Irvin D. Yalon, e do filme *‘Lou’*, lançado no Brasil em 11 de janeiro de 2018. Também se encontra um número considerável de artigos, teses e dissertações sobre seus trabalhos e seu diálogo com o Pai da Psicanálise, reconhecendo sua importância e a prolífica atualidade dos seus estudos. Entretanto, ainda há muito dos seus escritos a ser traduzido, o que limita o acesso aos mais de 20 livros e artigos, escritos por ela entre os anos de 1892 e 1931.

Encontramos, contudo, a tradução de alguns dos livros, entre os quais a *Correspondência Completa – Freud & Salomé* (1966), *Minha Vida* (1985), *Carta Aberta a Freud* (1935), *Reflexões Sobre o Problema do Amor e o Erotismo* (1900), e mais recentemente, *Lou Andreas-Salomé* (2018), *Narcisismo Como Dupla Direção* (2021) e *Sobre o Tipo Feminino* (2022).

Até o final de seus dias ela permaneceu fiel a seus princípios, inspirada pela sensação de plenitude da vida. E como afirmam Appignanesi e Forrester (2010, p. 407), “a amiga mais íntima de Freud foi decerto a menos freudiana das mulheres de Freud”.

Dessa forma, através do presente artigo podemos entender que o lugar das mulheres foi além daquele lugar de pacientes, pois houve mulheres que ocuparam um lugar de protagonismo em suas histórias, como autoras, analistas e grandes pensadoras. Esse é um exercício simples de sororidade que devemos ter: lermos umas às outras, debatermos, nos fazer ouvidas e legitimarmos as nossas falas, afinal essa é a herança feminina deixada para a psicanálise. No entanto, há muito o que fazer, ou seja, questões que não puderam ser investigadas neste trabalho precisam ser continuadas em um trabalho posterior.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, J. P. **Vicissitudes no desenvolvimento da psicosexualidade em Lou Andréas-Salomé: a poetisa da psicanálise.** *Ide*, v. 40, n. 65, p. 207-221, 2018.
- ANDREAS-SALOMÉ, L. **Carta aberta a Freud.** São Paulo: Princípio, 1972 (Trabalho original publicado em 1931).
- ANDRÉAS-SALOMÉ, L. **Lou Andréas Salomé: minha vida.** (3ª ed.) São Paulo: Brasiliense, 1985 (Trabalho original publicado em 1961).
- APPIGNANESI, L.; FORRESTER, J. **As Mulheres de Freud.** Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ASTOR, D. **Lou Andreas-Salomé.** Tradução de Júlia da Rosa Simões, 1ª ed. Porto Alegre, RS: L & PM, 2018.
- CASTRO, F. C. L. Nota introdutória. In: Andreas-Salomé, L. **Narcisismo como dupla direção.** Porto Alegre: Artes e Ecos, p. 9-16, 2021.
- COSTA, A. Lou Andreas-Salomé e a transmissão em psicanálise. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. 14, p. 10, 2023.
- DACORSO, S. T. M. Lou Andreas-Salomé: o que você tem a nos dizer? **Estudos psicanalíticos**, Belo Horizonte, n. 48, p.181-194, 2017.
- FERREIRA, L. G. **Humana, Demasiada Humana.** São Paulo: Rocco, 2000.
- FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. **Freud/Lou Andreas- -Salomé: correspondência completa.** Rio de Janeiro: Imago, 1975 (Trabalho original publicado em 1966).
- FREUD, S. **Carta 52. In: S. Freud. Obras psicológicas completas.** (J. Salomão, Trad. Vol. 1, pp. 281-287). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KRAFT, B. **Lou, Minha Irmã, Minha Esposa.** Prefácio. In: PETERS, H. F. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962/1987.
- LORENZONI, A. M. Reflexões sobre o feminino a partir de Lou Andreas-Salomé. Barricadas: **Revista de Filosofia e Interdisciplinaridade.** Grajaú-MA. Edição 1, v. 01, 2020.
- MATTOS, S. M. **Lou Andreas-Salomé e as Heroínas em Ibsen.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 12. Anais Eletrônicos. UFSC, Florianópolis, 2021.

MAZIN, V. **The femme fatale Lou Andreas-Salomé**. In: Journal of European Psychoanalysis. Rome, 2002. P. 155-172.

PEREIRA, L. M. B. **O diálogo Freud - Lou Andreas-Salomé sobre a feminilidade e o erotismo**. Universidade Estadual de Campinas, Tese de doutorado defendida na UNICAMP, Campinas: SP, 2016.

PERON, P. R.; RUBIN, B. A. S.; MASCHIETTO, J. P. Lou Andreas-Salomé e Sigmund Freud: encontros e diferenças. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 12, n. 22, 2023.

PETER, B. Livro Cartas: Sigmund Freud e Lou Andreas-Salomé em inglês. **O que Lou Andreas-Salomé, a primeira mulher psicanalista, disse a Freud em cartas sobre a condição humana**. Cultura, 2020.

PETERS, H. F. **Lou, minha irmã, minha esposa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986 (Trabalho original publicado em 1962).

PFEIFFER, E. **Freud e Lou Andreas-Salomé. Correspondência completa**. Rio de Janeiro: imago, 1966.

PFEIFFER, E. Posfácio. In: ANDREAS-SALOMÉ, L. **Minha vida**. São Paulo: Brasiliense, 1934/1985.

ROCHA, F. S. L. **Sabina Spielrein (1885-1942): uma análise histórica de sua vida e obra no contexto das mulheres na psicanálise**. Salvador, 2018.

ROSA, C. T. **As pioneiras da psicanálise: história e feminilidade**. Orientador: Amadeu de Oliveira Weinmann, 2018.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SALOMÃO, J. (Org.). **Freud – Lou Andreas-Salomé: Correspondência completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SILVA, M. V. N.; SANTO, E. S. E. A história das primeiras mulheres psicanalistas do início do século XX. História, histórias: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Brasília**, v. 3, n. 6, p.135-156, 2015.

SOUSA, F. S. A personagem Lou como transgressora das normas sociais impostas à mulher no século XIX em Humana, demasiado, humana. **Caderno Espaço Feminino – Uberlândia-MG**, v. 29, n. 2, 2016.

SOUZA JR. P. S. (Org.). **Lou Andreas-Salomé: Sobre o tipo feminino e outros textos**. Tradução de Renata de Souza Dias Mundt. São Paulo: Blucher, 2022.